

CEM ANOS DE MITOS, IMPERIALISMO E SOLIDÃO: MACONDO E A (DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA LATINO-AMERICANA¹

*A HUNDRED YEARS OF MYTHS, IMPERIALISM AND
SOLITUDE: MACONDO AND THE LATIN AMERICAN
IDENTITY (DE)CONSTRUCTION*

Ronan Simioni² e Vera Elisabeth Prola Farias³

RESUMO

Todas as indagações acerca das questões que envolvem a problematização e a complexidade da formação da identidade cultural nas sociedades do século XX, apontam para as práticas sociais e seus movimentos históricos. Nesse sentido, a América Latina, formada por meio da mistura de diferentes povos, vive a cada dia um processo de constituição identitária transformacional. Entretanto, alguns dos principais eventos que regem o descentramento cultural em nosso continente são muitas vezes escondidos pela história, narrada, na maioria das vezes, pelo olhar estrangeiro. Nesse sentido, o texto literário pode assumir a função de preencher a lacuna por ela deixada, servindo como uma ferramenta de autorreconhecimento em relação às causas norteadoras de nossa formação social. Como prova para esta afirmação, a narrativa *Cem Anos de Solidão*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, que reflete algumas das importantes fases do continente latino-americano, serve de referência a um estudo que tenta mapear parte das causas de nossa atual situação identitário-cultural.

Palavras-chave: identidade cultural, ficção, história.

ABSTRACT

All the investigations about the questions that cover the complexity of the formation of the cultural identity in the societies of the century XX point to social practices and their historical movements. In this context, Latin America is formed

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmico do Curso de Letras Português/Inglês - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

by the mixture of different peoples and deals with this changing identity process. However, some of the principal events that rule the cultural dislocation in our continent are hidden very often by the history, which is narrated, most times, by the foreign glance. In this sense, the literary text can assume the function of filling up the gap left behind by history and serving as a tool of recognition of the causes that guide people's social formation. Gabriel Garcia Marquez's novel, Cem Anos de Solidão, shows some of the important phases of the Latin-American continent and it serves as a reference to a study that seeks to expose part of the causes of the people's cultural identity nowadays.

Keywords: *cultural identity, fiction, history.*

INTRODUÇÃO

Contam os livros de história que o ano de 1492 marca o começo de uma nova era na configuração do globo terrestre desenhado pelo homem. Sob a ótica do europeu, essa época representa a descoberta de uma parcela de mundo até então desconhecida, que guardava uma série de riquezas naturais e abrigava uma raça de homens erroneamente denominados índios, assim chamados por seus descobridores que acreditavam ter chegado ao continente asiático. Algumas décadas depois, a nova terra é vista como um local que abrigava nativos hereges, onde a possibilidade de se encontrar inúmeros minerais preciosos e levar civilidade às criaturas pagãs que dela necessitavam, simbolizava estar ao mesmo tempo a serviço da igreja e dos cofres reais, elevando a colonização a um nível mais abrangente que a simples ocupação territorial.

Logo os nativos são apresentados a um modo de vida muito diferente daquele, até então, por eles praticado. As religiões locais, cultuadas em templos erigidos sobre tradições ancestrais, são dizimadas por homens que vêm montados em animais de quatro patas nunca antes vistos naquele lugar. O cultivo da terra, principal atividade exercida pelos habitantes do novo mundo, é substituído pela forçada extração de minérios nas minas de ouro e prata, locais nos quais precárias condições de trabalho eram impostas aos homens, que agora eram escravos dentro de suas próprias terras. Somado ao choque provocado pela dominação imposta pelos descobridores, uma gama de novas doenças que, junto com eles chegam à nova terra, representam os principais fatores que contribuem para a morte de milhares de “índios”, marcando, dessa forma, não somente um massacre da cultura, mas também da própria população nativa.

Constitui-se sob o signo da subjugação de um povo perante outro o espaço comum que põe em contato civilizações antes separadas histórica e geograficamente. Nesse lugar, são estabelecidas, de acordo com Pratt (1999), duradouras relações que envolvem a coerção, a desigualdade racial e o irresolvível conflito. Essa é a definição que busca denotar as consequências advindas dos encontros coloniais, que constituem as zonas de contato.

Essa breve introdução aponta para o que foi o início do processo de formação populacional da América Latina e de como se formaram as bases de sua heterogênea cultura, composta da mistura de povos oriundos de diferentes partes do globo terrestre. Além disso, mostra o início do processo exploratório praticado pela força estrangeira no continente, ação que por muito tempo se faria presente na realidade local.

O século XIX inicia no território marcado por vários focos de luta por autonomia política e territorial, que, mesmo depois de conquistada, não modifica profundamente a configuração das recém-independentes nações, pois

[...] a língua e as leis dos colonizadores ibéricos tornaram-se as das novas nações, e os descendentes crioulos dos conquistadores continuaram lucrando com o trabalho mal remunerado dos conquistados e escravizados. Nesse sentido, a independência não cancelou o colonialismo nas nações latino-americanas. Pelo contrário, tornou-as pós-coloniais, se autogovernando, mas ainda moldadas pela herança colonial (CHASTEEN, 2001, p. 93).

Se em uma concepção de sociedade imersa num sistema colonial, onde um centro bem definido através de uma política de expansão toma conta de outro território inicialmente habitado por uma nação tida como “inferior”, tornando-se possível - e necessária - a divisão centro-periferia, o mesmo não ocorre no momento que sucede tal fase da história nos locais que foram submetidos a essa situação. A epistemologia que reveste a aplicação do termo “pós”, como questiona Hall (2003), teria como base de significados o passado, ou seja, algo definitivamente concluído e fechado. O que temos, na verdade, seguindo a ideia do autor, é a substituição do controle colonial direto pela formação de novos estados-nação e por formas de desenvolvimento econômico determinadas pelo crescimento do capital local, bem como sua relação de dependência com o desenvolvido mundo capitalista, ocorrendo um deslocamento na delimitação entre colonizado e colonizador.

O contínuo fluxo de entrada de padrões culturais vindos de fora, característicos à nova forma de domínio estrangeiro indireto exercido no continente latino-americano, no momento em que os limites divisórios entre nações centrais e periféricas apresentam-se cada vez mais fluidos, tem impacto direto na formação cultural dos povos da América Latina. O que no período colonial era propiciado por fluxos exploratórios, fator que juntava formas de cultura distantes, cede espaço, na realidade contemporânea, aos mecanismos relacionados às ações globalizadoras, cujo efeito exercido no imaginário coletivo envolve mudanças na concepção das relações econômicas e culturais.

Fator comum, no entanto, aos momentos que marcam a trajetória do continente descoberto pelos peninsulares ibéricos é o constante encontro de costumes, religiões, raças e formas de estruturação social diferentes. Tal ação articula-se, principalmente, calcada no trinômio proposto por Rama (2001), que descreve a maneira de como se desenvolve o processo conhecido como *transculturação*. Na visão do autor uruguaio, a transição de uma cultura para outra, como resultante do domínio de um povo sobre outro, passa, primeiramente, por um período em que se dá a perda de componentes considerados absoletos, definido por *desaculturação*. Subsequente a este, a criação de novos fenômenos culturais, oriundo dos encontros entre os grupos formadores da paisagem social, viria sob o signo da *neoculturação*.

A influência cultural vinda de fora do território latino-americano, que exerce uma marcante presença na vida de seus componentes e caracterizam as novas modalidades de domínio estrangeiro, ocorrem, na maioria dos casos, por meio dos avanços tecnológicos que constituem os principais vetores da globalização⁴. Concretiza-se, dessa forma, o efeito de *desaculturação* proposto por Rama, onde as culturas locais são superadas por outras vindas de fora, operando ainda um constante jogo de descentramento do que seria uma identidade própria e autônoma.

No que tange a concepção das identidades, por outro lado, os modos de penetração estrangeiros, que acompanham a lógica globalizadora, podem também proporcionar o surgimento de ações contrárias a esse movimento. Nesse sentido:

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da

⁴ Segundo Hall (2006, p. 67) citando Anthony McGrew, a ‘globalização’ se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.

identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (WOODWARD, 2007, p. 21).

Relacionando a homogeneização de culturas introduzida pela força da globalização à ação de desaculturação, hoje existente na América Latina, o eminente surgimento de focos de resistência a essa ocorrência e, o lugar onde os dois polos transitam, que caracteriza o processo de neoculturação, evidencia-se alguns dos motivos que contribuem para uma suposta crise de identidade. Como visto, os eventos referentes a encontros entre civilizações separadas por longas distâncias e as trocas culturais por eles ocasionadas não são recentes em nossa história. No entanto, a problematização a respeito das concepções identitárias é algo relativamente novo. Stuart Hall elege o final do século XX como ponto de referência para o início da perda de um sentido de si estável:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado tinham nos fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p. 9).

Nas palavras de Mansilla (2000), a atual crise latino-americana de identidade deve ser vista dentro de um contexto em que suas numerosas sociedades percebem-se a si mesma como subdesenvolvidas e periféricas. Nesse contexto, articula-se, principalmente, uma relação que ao mesmo tempo é de culto e aversão, aderência e repulsão à cultura das que seriam as nações industriais. Essa relação de ambivalência se torna característica da

tensión existente entre la defensa del próprio legado cultural, la apologia de las costumbres prevalecientes em la vida cotidiana e íntima y el apego por las peculiaridades del suelo natal, por una parte, y la necesidad imperiosa de se adoptar lo extranjero y foráneo em los más variados campos (MANSILLA, 2000, p. 25).

No âmbito da América Latina, as novas tentativas de domínio, que passam a habitar não somente o campo econômico mas também o cultural, ao alcançarem tal finalidade, estabelecem a formação de novas zonas de contato, conservando características próximas à fase inicial de povoamento heterogêneo do território, revestidas, porém, de novos artifícios que impõem a longa existência da relação perda-exploração presente no continente.

Dessa forma, encontra-se, por meio do trabalho intelectual, uma possível conscientização do quadro que confere a essa parte do solo americano sempre a menos vantajosa posição na atual zona de contato. É necessária uma mudança nos modos de como traçamos e reconhecemos o percurso histórico do continente, para que de tal forma se possa construir uma identidade autônoma, porém, sem desconhecer as diferenças apreendidas entre os povos formadores do território, peculiaridades estas que a cada dia têm sido sufocadas pela lógica homogeneizante, próprias do atual mundo global.

Nessa esfera, a busca pelo passado histórico problematizado em uma ótica que subverta os preceitos estipulados por aqueles que se apropriaram e continuam apropriando-se das riquezas americanas, tornar-se-á a tônica de uma análise crítica, que tem por finalidade desvelar as razões da subjugação de seus povos e de como isso influi na formação de suas identidades. Para perseguir esse objetivo, deve-se considerar a importância de outras formas de representação que preencham as lacunas deixadas pela história narrada sob a voz estrangeira, e sejam construídas tendo como referência os modos de vida próximos à realidade latino-americana, apreendida por meio do discurso ficcional, mais especificamente na literatura.

O LOCAL DA LITERATURA

A impossibilidade do estabelecimento de um domínio específico, com fronteiras e limites precisamente delimitados, em se tratando de estudos a respeito da literatura, confere a essa área do conhecimento a possibilidade de seu constante entrecruzamento com outros campos dos saberes humanos. Eagleton (2006) descarta a validade de estudos que a consideram como uma entidade estável e bem definida, contrariando uma abordagem imanentista, privilegiada por linhas teóricas baseadas apenas na especificidade linguística dos textos literários. Entretanto, segundo o autor, se não há a possibilidade de enxergarmos a literatura como uma categoria “objetiva”, também seria um grave erro considerar a adjetivação de “literário” para todo e qualquer escrito assim denominado, tendo em vista que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, relacionando-se de forma direta com as ideologias sociais.

Para Compagnon (2006), a referência do texto literário, ou seja, do que fala a literatura, também figura entre os pontos imprescindíveis de serem analisados em termos do enfrentamento dessa área do conhecimento humano. Nesse sentido, compartilha com a visão de Eagleton, considerando o sentido de autorreferencialidade atribuída à literatura por determinados movimentos, como insuficiente para um estudo realmente válido acerca dessa esfera das práticas sociais que tem por objeto a decifração da realidade. Dessa forma, as fronteiras entre o literário e o não-literário também são condicionadas em um sentido diacrônico, sendo vulneráveis às mudanças na forma de como se conceber a cultura em diferentes épocas, aproximando-se com a nação e sua história, onde “a literatura, ou melhor, literaturas são, antes de tudo, nacionais” (COMPAGNON, 2006, p. 33).

Vindo ao encontro do percurso traçado pelas letras latino-americanas, o processo mutatório vivido por esse meio de representação alude diretamente para a denotação desses pressupostos. Essa afirmação é aprendida por meio da percepção de como diferentes momentos político-sociais vieram a influenciar a literatura no continente. No último quartel do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, por exemplo, é estabelecido “um projeto de aglutinação regional acima das restritas nacionalidades do século XIX, que procura restabelecer o mito da pátria comum que havia alimentado a emancipação” (RAMA, 2001, p. 242). Esse impulso modelador das representações escritas transfere, assim, a criação literária para uma visão supranacional, que tangencia os regionalismos. Rama (2001) aponta ainda que o critério de representatividade que ressurgiu no momento no qual classes médias emergentes, formadas de interioranos recém-chegados à cidade, próprio das décadas de trinta até a de cinquenta, retoma a busca pela caracterização regionalista-nacional, exigindo que a literatura representasse uma classe social então desafiadora dos estratos dominantes. Dessa forma:

Restabelecer as obras literárias dentro das ações culturais desenvolvidas pelas sociedades americanas, reconhecendo suas audaciosas construções de significados e o ingente esforço para tratar autenticamente as linguagens simbólicas desenvolvidas pelos homens americanos, é um modo de reforçar esses conceitos vertebrais de independência, originalidade, representatividade. As obras literárias não estão fora das culturas, mas as coroam, e na medida em que essas culturas são invenções seculares e multitudinais, fazem do escritor um produtor que trabalha com as obras de inumeráveis homens (RAMA, 2001, p. 247).

Se partirmos do caráter nacionalista identificado por Compagnon (2006), pressupõe-se ainda o fato de constante mobilidade que transpassa as variantes definições de nação, considerando a questão da cultura e, conseqüentemente, as produções simbólicas dela oriundas - como a literatura - como parâmetro que fundamenta essas concepções.

Na visão de Bhabha (1998), no momento em que vivemos um distanciamento das singularidades que permeiam as relações de classe e gênero e, quando esse efeito torna-se o principal vetor de um resultado de reposicionamento dos sujeitos em relação aos fatores que o localizam na sociedade, como localidade, geopolítica, orientação sexual e raça, novos locais de formação cultural emergem por meio da articulação das diferenças intersticiais dos grupos humanos. Na visão do autor, esses entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

Ao apontar que os entre-lugares guardam as sobreposições e deslocamentos na tessitura da alteridade, cambiando as relações intersubjetivas e coletivas dos indivíduos, Bhabha (1998) questiona também como se dá a formação dos sujeitos que transitam nesses espaços. Se estendermos a problemática proposta ao âmbito da América Latina e sua complexa formação, minada de pontos de intersecções culturais, encontraremos no conjunto de suas produções escritas ficcionais, um latente exemplo da mistura de raças e etnias, ação que se iniciou desde a descoberta do território, passou pelo período colonial, e continua se fazendo presente na época denominada pelo deslizante prefixo “pós”, provocando as seguidas (des) construções identitárias no continente.

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ E O ROMANCE NA AMÉRICA LATINA

Tão variadas quanto às definições que rondam os significados acerca da literatura, apresenta-se a multiplicidade das caracterizações dos momentos históricos que situam o gênero romance. Como argumenta Rama (2001), trata-se do “peixe ensaboador” desse segmento das produções ficcionais:

Gênero vulgar, houve sim, na história da cultura. Das suas baixas origens, o romance extraiu sua capacidade de adaptação, de sobrevivência, de transformação. Toda vez que a retórica pretendeu dignificá-lo (talvez dissecá-lo),

ele escapuliu de suas mãos para voltar prazeroso à sarjeta: daí ele ressurge com novas energias, sob novas formas (RAMA, 2001, p. 43).

Ao analisarmos o processo histórico-evolutivo do romance na América Latina, identifica-se, inicialmente, sua posição de menor expressão se comparado à poesia e ao ensaio. Tais formas tidas como reais e tradicionais, se prolongaram na arcaica e dependente cultura do continente, descendente inicialmente da península ibérica, onde os impérios de Espanha e Portugal apresentavam-se fugidios ao pensamento renascentista. Soma-se ainda ao fato do predomínio da poesia no início da formação literária latino-americana, a existência de diversas culturas autóctones expressadas por meio de sociedades religiosas, unificadas sob suas procedências rurais, analfabetas e tradicionalistas.

Estreitamente relacionado ao advento da circulação da palavra impressa, que começa a ocorrer em um fluxo maior, principalmente a partir do século XVIII, se dá a disseminação de outros gêneros escritos que vieram a contar a vida das colônias descobertas pelos ibéricos. O ensaio moral, científico, religioso ou educativo, juntamente com o histórico, era considerado, nos primórdios da competição entre escrita e oralidade, como os gêneros sérios, quando o texto impresso era sinônimo de lei (RAMA, 2001). No raiar da independência na América Latina, essas duas formas consistiam os principais mecanismos do discurso literário, que se prolongariam por boa parte do século XIX, quando o universo cultural no continente, nessa época, não propiciou condições para que o romance adquirisse uma forma como a alcançada pelo europeu. Ressalva deve ser feita em relação à literatura brasileira, que por meio de autores como José de Alencar e Machado de Assis, consolidou um sistema literário calcado na forma romanesca antes das nações vizinhas.

Com o tardio surgimento de uma emergente classe burguesa no território, formam-se as raízes do -considerado por Angel Rama- gênero decisivo na formação da literatura na América Latina. Tendo surgido a partir desse novo grupo social e, sendo dirigido a ele, se estabelece uma relação de subversão da então ordem pre-existente, que repousou na capacidade de fazer com que a sociedade se depare com as transformações estruturais relativas a sua configuração. Tendo em vista o abrupto processo modernizador que atravessou o continente, principalmente na segunda metade do século de sua independência, é notória também a modernização literária e, conseqüentemente, do romance nas nações ali abrigadas.

Aguiar (2001) sustenta que essa ação modernizadora nas produções escritas ocorre na América Latina, principalmente em três momentos distintos.

Entre eles, o final do século XIX, o período que compreende os anos próximos a 1922, e a nova narrativa latino-americana, conhecida como “generación del medio siglo”. De acordo com do autor, os escritores do primeiro e segundo momentos mantinham a Europa como modelo de modernização, salvo novamente o caso brasileiro, onde questões relativas ao negro, indígenas e mestiços foram abordadas de forma diferenciada se comparada à hispano-americana. Para Angel Rama a “generación del medio siglo” reage às influências europeias ao propor uma autonomia de temas próprios, e “a articulação original dos mesmos, além da valorização do autêntico latino-americano” (2001, p. 12).

Atrelada às capacidades do romance enquanto forma literária estabelecida no território, salienta-se seu recurso de amplo potencial linguístico de captação das formas populares ou indígenas e sua incorporação no discurso ficcional, capacidade que afirma-se no terceiro momento proposto por Aguiar (2001). Citando Navarro (1989, p. 118), nessa fase, “os romancistas dão voz a diversas culturas, ágrafas ou não, estabelecendo um diálogo entre a tradição popular e a erudita, resgatando o imaginário popular pelo uso inventivo da linguagem”.

Dentre a gama de escritores latino-americanos que representam, em suas produções escritas, a relação dialógica entre passado e presente, erudito e popular pode-se situar o colombiano Gabriel García Márquez. O autor reúne no universo de algumas de suas obras, que poderiam ser lidas como a própria trajetória do continente, espaço que serve de palco para a maioria delas, diferentes temáticas diretamente relacionadas com eventos que marcam a trajetória das nações da América, as quais são captadas pelas estratégias ficcionais do escritor, que consegue transpor os limites da verossimilhança, porém sem perder a referência do real. Suas narrativas além de reunirem uma gama de sujeitos representantes da mistura de povos que formam a estrutura populacional do território, expõem eventos que ultrapassam as tênues fronteiras entre ficção e realidade.

Aludindo a um passado povoado por focos de lutas e disputas político-territoriais, quando forças das metrópoles europeias se chocam com os ideais de uma suposta liberdade e autonomia, próprio do período da descolonização, quando heróis emergem em meio a nações marcadas pela conflituosa presença da cultura estrangeira em contato com as peculiaridades da região, tramas como *O General em seu Labirinto* e *Outono do Patriarca* exemplificam como se dá o processo representativo do real presente em García Márquez. O primeiro romance encena o início de uma fase marcada pela derrocada da dominação direta, da ordem política e econômica exercida pelos descobridores do século XV, por meio da exposição dos últimos dias de vida do herói revolucionário Simón Bolívar, transformado em

protagonista. A continuidade da influência dos padrões estrangeiros na vida dos habitantes do agora pós-colonial continente, explicita-se pelos infundáveis anos de governo do solitário patriarca, figura que concentra o maior número das ações na segunda narrativa citada. A personagem de idade indefinida, variando entre 137 e 224 anos, atua como representante das diversas ditaduras que por longos períodos sustentaram-se no poder das nações americanas, contando com apoio de forças dos grandes centros econômicos mundiais, preconizando uma série de normas a serem seguidas pelos membros da sociedade.

A situação de destruição de lugares que serviram de espaços para guerras, bem como o descaso pelos homens que delas fizeram parte e o momento no qual a lógica capitalista aponta como sucessora da colonização, também fazem parte do conjunto ficcional do autor. A eterna espera pela aposentadoria que nunca vem, leva um velho coronel revolucionário a aguardar o correio, que chega de barco a um devastado vilarejo, ainda espaço de repressão política por parte de um poder central, marca o enredo de *Ninguém Escreve ao Coronel*. A condição de miséria e devastação vivida pelo povo local simboliza o destino de cidades que foram aniquiladas pelo combate bélico ou por meio da própria exploração da terra. Nessa segunda categoria, situa-se também o cosmo fictício de *Macondo*, aparecendo pela primeira vez nas narrativas de García Márquez servindo como palco de *O Enterro do Diabo*, mostrando o estado de abandono e pobreza deixado por uma empresa multinacional, exploradora da cultura de banana na região.

O latente entrecruzamento entre a literatura e a história da América Latina encontra, em *Cem anos de Solidão*, o exemplo mais pulsante em se tratando da produção do autor colombiano. Novamente, situada em *Macondo*, diferentes fases da formação cultural latino americana são mostradas através da saga da família Buendía, que na narrativa funda o vilarejo. Inicialmente, constituído como uma aldeia livre de divisões sociais e com algumas riquezas naturais, o local vai se transformando em um ponto onde se unem a presença mítica, processos de hibridização populacional, guerras pelo poder e marcas do imperialismo econômico. Tais processos encontram-se intimamente ligados à forma como é concebida a identificação cultural dos habitantes, que são expostos, nos diferentes períodos da existência da cidade, a diversos deslocamentos nos costumes, nos hábitos e na organização social do local.

Acompanhando as diferentes fases da história da cidade fictícia, que serve como uma espécie de microcosmo, tece-se o que poderia ser a história da própria América, colonizada inicialmente pelos povos ibéricos e, posteriormente, vitimada pela exploração de outras nações. Tais estágios

verificam-se nos períodos de fundação, modernização e declínio de *Macondo*, que passarão agora ao centro da análise.

MACONDO A SOCIEDADE UTÓPICO-DIASPÓRICA

A significação que envolve o termo diáspora⁵ surge, primeiramente, para denominar o fluxo migratório percorrido pelo povo judeu em sua fuga da escravidão no Egito. Sob a liderança de Moisés, o povo escolhido parte em busca de liberdade, da almejada terra prometida, deixando para trás todo o sofrimento vivido no cativeiro da grande “Babilônia”. Como argumenta Hall (2003), é esta a *ur-origem* da narrativa de libertação, esperança e redenção em um novo mundo, nutrida, principalmente, por grupos humanos em deslocamento espacial.

Munido da mesma esperança redentora, José Arcádio Buendía, um dos principais personagens de *Cem Anos de Solidão*, perturbado pela presença do fantasma de sua vítima, assassinado por ele após uma discussão na qual a hombridade do agressor é posta em dúvida, reúne outros jovens casais que desmontam suas moradas e partem em busca da terra que ninguém prometeu, longe da perturbação provocada pelo espectro do morto. Acompanhando o “Moisés Latino-americano”, encontra-se também sua mulher, *Úrsula Iguarán*, grávida então do primeiro filho do casal. Após vinte e seis meses percorrendo uma imensa área de matos, serras e pântanos, os precursores da nova comunidade, cansados de tentar encontrar uma saída para o mar e sentindo-se impossibilitados de retornarem, acabam por fundar o povoado de *Macondo*, em uma região escolhida mais ao acaso, do que por planejamento.

José Luis Romero em *América Latina, as cidades e as ideias* (2004), descreve como se dava o ato de fundação das cidades na América de colonização espanhola, que serviam como um instrumento da ocupação territorial por parte da metrópole:

O primeiro impulso fundador é fruto de um processo externo, que se origina do desejo dos conquistadores. Por este motivo, a fundação foi um ato político. Os fatos repetiram-se muitas vezes de maneira semelhante. Um pequeno exército de espanhóis ou portugueses mandado por alguém que possuía uma autoridade formalmente

⁵ De acordo com Lopes, o termo define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas (2004, p. 126).

inquestionável, e em geral acompanhado de certo número de indígenas, chegava a determinado lugar e, por escolha prévia e cuidadosa do terreno, instalava-se nele com a intenção de que um grupo permanecesse definitivamente ali. Era um ato político que significava o propósito - apoiado na força - de ocupar a terra e afirmar o direito dos conquistadores (ROMERO, 2004 p. 93).

Associando a fase de fundação de *Macondo* ao período colonial da América Latina, em relação a como a maioria dos centros urbanos se formaram, nota-se que a cidade fictícia não obedece ao curso ditado pelos espanhóis, primeiros usurpadores das riquezas do continente. Temos, no entanto, a tentativa de se criar uma comunidade livre, sem divisões sociais, tendo apenas a família Buendía, na figura de José Arcadio Buendía, como um mediador da busca por iguais condições entre os habitantes.

No princípio, José Arcadio Buendía era uma espécie de patriarca juvenil, que dava instruções para o plantio e conselhos para a criação de filhos e animais, e colaborava com todos, mesmo no trabalho físico, para o bom andamento da comunidade. Posto que a sua casa fosse desde o primeiro momento a melhor da aldeia, as outras foram arranjadas a sua imagem e semelhança (MÁRQUEZ, 2006, p. 14).

Em poucos meses, *Macondo* se torna uma aldeia laboriosa e organizada, com suas casas de taquara e chão batido, móveis de madeira construídos pelos próprios donos e coordenada pelo empreendedorismo igualitário de José Arcadio Buendía. Cria-se, então, a visão paradisíaca, a redenção utópica visada pelos sujeitos diaspóricamente deslocados. Neste espaço, a primeira geração da família Buendía, José Arcadio, Aureliano e, posteriormente, Amaranta e Rebeca, esta última sendo filha adotiva do casal, cresce em meio a uma comunidade tranquila e sem divisões sociais.

A primeira ruptura do estado de equilíbrio vigente no paradisíaco povoado se dá com a chegada dos ciganos, portadores de inúmeras invenções, descritas na narrativa como “engenhosas e insólitas”. Danças e músicas que propagavam “um pânico de alvoroçada alegria” que, em um instante, transformam a aldeia. Logo: “os habitantes de Macondo se encontram de repente perdidos nas suas próprias ruas, atraídos pela feira multitudinária dos ciganos” (MÁRQUEZ, 2006, p. 56).

Durante vários anos, continuariam as visitas ciganas, acompanhadas sempre de novidades científicas e culturais. Em uma dessas vindas, mais especificamente no período da adolescência do primogênito de José Arcadio Buendía, José Arcádio, que estava atordoado pela inevitável e próxima paternidade, encontra nos braços de uma cigana a oportunidade de fugir da cidade. Consumado o fato, Úrsula empreende em uma busca tentando encontrar o filho mais velho, mas, ao retornar ao povoado, traz consigo o que vem a ser o segundo grande fluxo migratório até então visto na povoação, modificando a fisionomia da localidade:

As pessoas que tinham vindo com Úrsula divulgaram a boa qualidade do solo e a sua posição privilegiada em relação ao pântano, de modo que a reduzida aldeia de outros tempos transformou-se logo num povoado ativo, com lojas e oficinas de artesanato, e uma rota de comércio permanente por aonde chegaram os primeiros árabes de pantufas e argolas nas orelhas, trocando colares de vidro por papagaios (MÁRQUEZ, 2006, p. 42).

Pouco a pouco as construções de taquara abrem espaço a casas de madeira e telhas, a linguagem *guajira* passa a coexistir com o castelhano e, gradativamente, novas comidas, bebidas e costumes são absorvidas pela preferência popular. Em suma, o período que compreende a fundação de *Macondo* sumariza o que foi a América, desde sua época intocada pela presença europeia, sustentada na tentativa dos fundadores da cidade de se criar uma terra livre. Passando depois pela hifenização populacional propiciada pela convivência entre índios, castelhanos e ciganos, configura-se a nova formatação social resultante desse entrecruzamento. Presença marcante se faz também da questão mítica como propulsora do ato de fundação, não considerada, entretanto, sob uma acepção de fábula ou mera invenção, mas sim como nos sugere Eliade (1972), argumentando que a função do mito nas sociedades funciona como modelo para a própria conduta humana.

GUERRAS POR COISAS QUE NÃO SE PODEM TOCAR COM AS MÃOS

Aureliano Buendía, filho varão mais novo de Úrsula e José Arcádio Buendía, não conseguia entender por qual motivo seu futuro sogro, e recém autoafirmado delegado de *Macondo*, Apolinar Moscote, promoveu a chegada

de oito soldados armados para vigiar as eleições no povoado até então sem aspirações políticas. Esse evento alude para um novo momento da configuração social da cidade, que agora passa a conviver com a presença de linhas ideológicas que divergem no que diz respeito à forma de constituição e exercício político na região. A fraude no primeiro pleito eleitoral realizado no local, privilegiando conservadores em detrimento dos liberais, vem a desencadear uma série de acontecimentos que operam o surgimento de heróis revolucionários, contrários à repressão imposta pelos vencedores forjados por meio da eleição.

Propondo uma releitura de Clausewitz, defensor da ideia afirmadora de que a política é a guerra sustentada por outros meios, Foucault reforça essa dialogia quando sustenta que “as relações de poder nas sociedades modernas tem por base essencial relações de força estabelecidas em momentos históricos determinados na guerra e pela guerra” (1982, p. 176). Desse modo, denota-se que, no caso de *Macondo*, em consonância à visão de Foucault, deparamo-nos com o conflito bélico armado como um prolongamento de políticas que não deram certo.

Complementando o pensamento do teórico francês em relação ao engendramento guerra e política, entende-se que a tentativa de imposição de paz na sociedade civil não serve como ato minimizador dos efeitos de conflitos armados entre diferentes grupos ou para neutralizar os desequilíbrios dela oriundos, mas sim para inculcar relações de força por meio de uma “guerra silenciosa”. Esse mecanismo, na visão de Foucault, é capaz de permear as desigualdades econômicas, a linguagem e até mesmo o corpo dos indivíduos (1982, p. 176). Sendo assim, as relações sociais de poder teriam uma base voltada fortemente para uma função repressiva, interessando não a expulsão dos homens do convívio social, mas sim o gerenciamento de suas vidas, controlando suas ações a fim de aproveitar suas potencialidades, sendo esse um

[...] objetivo ao mesmo tempo econômico e político: aumento do efeito de seu trabalho (do homem), tornando-os força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima e diminuindo suas capacidades de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralizando os efeitos de contra-poder, tornando os homens dóceis politicamente. Aumentando, portanto, a utilidade econômica e diminuindo os inconvenientes, os perigos políticos, aumentando a força econômica e diminuindo a força política (FOUCAULT, 1982, p. 176).

A força repressora, exposta por meio das ideias foucaultianas, atravessa a existência de *Macondo* quando, na cidade, são estipulados decretos que limitam a liberdade do povo que se depara, entre outros fatores, com o toque de recolher, as contribuições financeiras forçadas para os soldados, bem como a presença maciça desses, que arbitrariamente impunham para os cidadãos uma série de medidas punitivas violentas. São essas ações que acarretam o surgimento do sentimento reacionário armado, encarnado, principalmente, no membro da família Buendía que, inicialmente, não entendia as causas das lutas políticas pelo poder, algo “impossível de ser tocado com as mãos”, e que passa a carregar consigo a imponente designação de coronel Aureliano Buendía. Essa personagem, na narrativa de García Márquez, promoveu trinta e duas revoluções armadas, saindo perdedor de todas. Escapou de quatorze atentados, setenta e três emboscadas e um pelotão de fuzilamento. Chegou a ser o comandante geral das forças revolucionárias, detendo o comando de uma jurisdição territorial que se prolongava de uma fronteira à outra.

A trajetória de lutas e, principalmente, derrotas presentes no percurso do líder militar de *Macondo*, espelha uma grande parcela do processo histórico latino americano em sua constante luta por autonomia política e territorial, iniciado no período da descolonização e seguido em épocas nas quais os regimes ditatoriais foram a tônica da configuração dos governos no continente. Ao considerar-se que “a monótona permanência de regimes autoritários – em seus vários matizes – é uma marca registrada da história política da América Latina” (NAVARRO, 1989, p. 25) são notórias as potencialidades de mudança que cada indivíduo, oprimido em tais formas de governo, pode apresentar, caracterizando possíveis transformações e supondo virtuais superações dessas formas de dominação.

A condição de *Macondo*, após o longo período de guerras que se fez presente à sua existência, mostra não a conquista da soberania de suas fronteiras geográficas e culturais, mas sim o prolongamento de uma forma diferente de dependência econômica e social. Tal estagnação alude ao que Navarro (1989, p. 129) aponta como a persistente alienação histórica dos povos submetidos a estruturas econômicas subdesenvolvidas e oprimidas politicamente, condições que ocasionam o rachamento de suas bases culturais sustentadas em raízes populares. Nesse sentido, o movimento circular da história da cidade fictícia da narrativa de García Márquez remete à condição da parcela territorial descoberta pelas naus ibéricas séculos atrás que, mesmo após um suposto rompimento com suas antigas metrópoles, continua alimentando modalidades de domínio, agora estabelecidas de maneira indireta.

O DUPLO MASSACRE IMPERIALISTA

Logo nas primeiras páginas de seu estudo acerca da relação de submissão e dependência econômica vivida na América Latina, em relação às grandes potências econômicas mundiais, Eduardo Galeano atenta para a questão da injusta exploração dos recursos naturais, bem como a quase escravidão do homem latino-americano submetido a tal relação. Para o autor:

Há dois lados na divisão internacional do trabalho; um em que alguns países especializam-se em ganhar, e outro em que se especializam em perder. Nossa comarca de mundo que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalançaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta (GALEANO, 1976, p. 13).

A coexistência perda-exploração começa a se fazer presente em Macondo no momento em que, na cidade, se instala uma empresa multinacional estadunidense, que visava a exploração do cultivo da banana. Após a chegada da energia elétrica, do telefone e a instalação da rede ferroviária, trazidos principalmente pelos estrangeiros, o local passa por uma rápida e significativa mudança, tanto na sua paisagem física, quanto na forma como se configura a organização da sociedade local. Juntamente com os trens da companhia, instalam-se lá trabalhadores oriundos de diferentes partes do mundo. Antilhanos, americanos, turcos, latinos e europeus começam, ao mesmo tempo em que dividem o mesmo espaço, a mudar o modo de vida dos antigos moradores, que são apresentados a inúmeros novos costumes.

Casas, antes construídas de madeira, passam à alvenaria, cavalos são substituídos por automóveis, louças, roupas e peças de jantar são importadas da Europa e da Índia. Novas danças, ritmos e formas de entretenimento agregam-se ao cotidiano dos cidadãos, que mergulham em uma paisagem urbana muito modificada em relação àquela forma embrionária de cidade, fundada como uma aldeia autóctone, com moradias de taquara e livre de divisões sociais. Após ter sobrevivido por muito tempo, basicamente, da agricultura e da criação de animais, tais atividades dão espaço, no novo momento, ao comércio e a exportação de frutas, vigiados rigorosamente pela aristocracia dominante.

Tão rápida ocorre a transformação no cosmo criado pelo escritor colombiano que em determinado momento da narrativa é relatado o dia no qual os antigos moradores acordam e enxergam a si mesmos como indivíduos

desconhecedores da localidade em que vivem. Através dos olhos dessas pessoas vemos uma nova cidade, interligada por meio da estrada de ferro e dos cabos telefônicos com o restante do mundo, abrigando, sob seus limites, diferentes culturas e etnias imersas em uma ação de entrecruzamento, propulsora da supremacia estrangeira em relação à cultura local, fato que desencadeia o surgimento de novas identificações pessoais dos indivíduos da região. A nova formatação social da cidade assemelha-se a fase do movimento histórico da América Latina, no qual se percebe um deslocamento da dicotomia centro-periferia, provocando uma impossibilidade em demarcarmos precisamente os limites entre os modalizadores do ato exploratório, próprios do período pós-colonial.

Considerando que, como afirma Williams (2007), se de um lado o imperialismo repousou primeiramente em um sistema político, no qual as colônias eram governadas a partir de um centro imperial e que a conquista do autogoverno poderia apontar para o fim dessa ação, de outro surge esse mesmo sistema, formado principalmente pela presença do controle econômico externo, influenciando fortemente os mercados e fontes de matérias-primas nas nações recém-independentes.

Aludindo ao fato de que o exercício indireto do poder passa a existir no momento pós-colonial, onde as instituições financeiras ocupam um papel mediador, relegando uma posição de submissão àqueles submetidos a tal penetração, denota-se que a dependência econômica se manteve mesmo após a independência política. Em se tratando de América Latina, logo essa dominação econômica se estendeu para outras esferas, instituindo-se assim o chamado imperialismo cultural.

En América Latina, de la mano de los estudios de comunicación, el término “imperialismo cultural” adquiero una conotación más ligada al proceso de “Americanización”. La crítica se centro em el problema de la expansión de la cultura de masas norteamericana y sus efectos sobre la vida cotidiana y la cultura em el sub-continente. Quizá porque em América Latina la amenaza de desintegración cultural y pérdida de identidade nacional parecía más inminente ante la potencia tecnológica y el poder persuasivo de los médios del nuevo imperio (SALVATORE, 2005, p. 14) .

Engendra-se, sob o signo da influência cultural das camadas sociais que dominam os meios de produção em *Macondo* e que possuem uma base ideológica acentuadamente europeia e estadunidense, o apagamento das formas culturais primitivas do local. Marca-se dessa forma o primeiro massacre propiciado por

ações imperialistas, compartilhado tanto pela cidade fictícia como pelo lugar que a circunda e que serve como referência ao seu processo criacional. Essa aproximação entre lugares reais e ficcionais apreende-se ainda em outra forma de conflito entre oprimidos e opressores, também comum à ficção e a realidade latino-americana.

Embora passando por um aparente progresso, a real situação calamitosa de *Macondo* era escondida. Em oposição à refinada elite dominante, a promiscuidade nos bares e cabarés, o sexo explícito nas esquinas e a desorganizada explosão demográfica do local contrastavam com as refinadas e intermináveis festas da minoria rica, ocupante dos “galinheiros eletrificados”, que na verdade eram condomínios rodeados de cercas elétricas e equipados com quadras de tênis, piscinas e ar-condicionado. Outra posição que se opõe acentuadamente com a dos ricos, é a condição daqueles que trabalhavam no empreendimento bananeiro, que conviviam cada vez mais com os piores meios de trabalho e de moradia, proporcionados pelos empregadores.

A falta de auxílio médico e o quase inexistente saneamento do bairro a eles destinado, bem como a moeda paga pelo trabalho nas plantações, que poderia somente ser trocado nos armazéns da companhia, são alguns dos fatores impulsionadores da greve, que paralisa a exploração da banana, parando os trens e estagnando os lucros estrangeiros. Entre os principais incentivadores da greve, encontra-se José Arcádio Segundo, bisneto do fundador da cidade e testemunha ocular da violenta intervenção militar contra os grevistas, ato que dizimou covardemente a multidão desarmada:

Já os das primeiras linhas o tinham feito, varridos pelas rajadas da metralha. Os sobreviventes, em vez de se atirarem ao chão, tentaram voltar à praça e o pânico deu uma rabanada de dragão, e os mandou numa onda compacta contra a outra onda compacta que se movimentava em sentido contrário, despedida pela outra rabanada de dragão da rua oposta, onde também as metralhadoras disparavam sem trégua. Estavam encurralados, girando num torvelinho gigantesco que pouco a pouco se reduzia ao seu epicentro, porque os seus bordos iam sendo sistematicamente recortados em círculo, como descascando uma cebola, pela tesoura insaciável e metódica da metralha (MÁRQUEZ, 2006, p. 291).

Assim como na história da América Latina que conhecemos, onde vários regimes militares se sucederam perseguindo, torturando e assassinando seus

opositores em nome da ordem e do estado de direito, sem registro por parte da história oficial, García Márquez desvela na narrativa o que pode ter ficado de fora dos relatos oficiais. De acordo com Dasso Saldívar (2004), biógrafo do autor, o episódio faz uma referência direta à ação das forças governamentais na tentativa de frear a paralisação dos trabalhadores da United Fruit Company, empresa sediada nos Estados Unidos que possuía uma base na cidade colombiana de Aracataca. Aos olhos do governo do país, foram reconhecidas apenas nove mortes, enquanto para as pessoas que vivenciaram o trágico evento no ano de 1928, esse número ultrapassou duas centenas. Em *Macondo*, no entanto, apenas o descendente do fundador da cidade manteve viva na memória a tragédia ocorrida, enquanto os demais moradores sequer souberam do acontecido, tendo em vista que os corpos foram transportados para o mar nos vagões da própria companhia bananeira.

Após o desfecho da catastrófica intervenção do exército, *Macondo* passa por quatro anos, onze meses e dois dias por fortes chuvas, evento originário do dilúvio que toma conta das ruas e casas, marcando o início da destruição da cidade, antes paradisíaca e agora apocalíptica. Esse é o momento quando o paraíso utópico, a terra prometida, cai em desgraça devido aos atos daqueles que violaram sua santidade em prol do acúmulo de riquezas e exploração dos mais fracos. Trata-se da retomada da motivação mítica na trama, processo que envolve os últimos cidadãos remanescentes, mais especificamente a quarta e quinta geração da família Buendía, e que após ser soterrado pela nova forma de vida urbana, reaparece no declínio derradeiro do povoado.

O RETORNO AO MITO

Ao criar o cosmo fictício de *Macondo*, García Márquez retrata a busca por um espaço paradisíaco, ou seja, a formação de uma comunidade igualitária livre das injustiças que permeiam as relações desiguais entre grupos sociais. Temos, portanto, a formulação de uma relação mítica de cosmogonia⁶, como argumenta Mircea Eliade:

Toda a história mítica que relata a origem de alguma coisa pressupõe e prolonga a cosmogonia. Do ponto de vista da estrutura, os mitos de origem homologam-se ao mito cosmogônico. Sendo a criação do mundo a criação por excelência, a cosmogonia torna-se o modelo exemplar para toda a espécie de criação (ELÍADE, 1972, p. 25).

⁶ Trata-se do termo que abrange as diversas lendas e teorias sobre as origens do universo de acordo com as religiões, mitologias e ciências através da história.

Gradativamente, com as mudanças estruturais do vilarejo em se tratando do conjunto das concepções ideológicas acerca da identificação dos seus habitantes, iniciado com uma configuração quase homogênea que é deslocada pelos primeiros influxos de indivíduos “diferentes”, e que atinge o ápice da mudança no período marcado pela cultura das divisões sociais, característico da época do esplendor bananeiro, a cidade vai aos poucos perdendo sua conotação mítica, cedendo espaço ao modelo de vida típico de uma localidade urbanizada. Tal presença é revista na localidade após o caso do massacre dos trabalhadores grevistas, período no qual *Macondo* passa por uma longa fase abaixo de fortes chuvas e inundações, evento que marca o início da destruição do lugar.

A aceitação da influência dos mitos para o entendimento da vida humana nem sempre foi visto como um fator realmente válido para tal conhecimento. Raymond Williams (2007, p. 281) mostra como essa visão transitou, em diferentes momentos histórico-filosóficos dos saberes humanos, entre realidade e fantasia. Segundo o autor, a tendência do uso desse vocábulo no século XIX esteve associada a uma significação imaginativa, própria das fábulas, estipulando uma oposição entre o real e o imaginário, marcando uma conotação negativa que o afasta do real. De maneira inversa, Williams afirma também que com o desenvolvimento da antropologia desenvolveu-se uma leitura que considera a questão dos mitos como uma versão verdadeira da realidade, tanto quanto da história secular e as descrições realista-científicas. Imerso na segunda visão exposta, apontada por Williams, Mircea Eliade defende a ideia de que a compreensão da estrutura e a função dos mitos nas sociedades não significa apenas o entendimento de determinadas fases da história do pensamento humano, mas também uma melhor compreensão da categorização da nossa contemporaneidade (1972, p. 8).

Associado às questões míticas que aludem ao final do universo, os mitos diluvianos representam, como no caso de *Macondo*, um importante papel de mostrar ao mesmo tempo a destruição e a recriação do mundo. Para Eliade, eles narram a maneira como a civilização foi dizimada, restando apenas um casal ou poucos sobreviventes:

Em grande número de mitos, o Dilúvio está relacionado a uma falha ritual, que provocou a cólera do Ente supremo; algumas vezes, resulta simplesmente da vontade de um Ente divino de acabar com a humanidade. Mas, ao examinar os mitos que anunciam o dilúvio próximo, constatamos que uma de suas causas principais reside nos pecados dos homens, assim como na decrepitude do mundo. O dilúvio

abre então o caminho para uma recriação do mundo e, simultaneamente, para uma regeneração da humanidade (ELÍADE, 1972, p. 54).

A cidade de *Macondo*, que teve sua fundação motivada inicialmente em consequência da busca de paz por parte de seu fundador, José Arcadio Buendía, então atormentado pelo espectro de sua vítima que junto com alguns companheiros inicia sua jornada até o seu sonhado paraíso, apresenta, dessa maneira, seu mito fundador. Esse fator regula em tal momento o modo de vida primitivo do povoado, que gradativamente passa a ser esquecido pelo progresso e a consequente destruição de suas bases culturais primitivas, provocada pelos diversos grupos estrangeiros que por diferentes razões instalam-se na região.

Em comparação ao continente que abrange a existência do cosmo fictício, a reaparição da presença mítica na narrativa representa além da destruição da localidade, o encerramento de um ciclo, iniciado em sua fundação, período correspondente ao passado de liberdade vivido na América pré-colombiana e na *Macondo* em sua fase inicial. Somado ao processo de modernização e presença maciça da cultura estrangeira na cidade, fase alusória ao presente do continente e, encontrando na destruição do local uma perspectiva futura do povo latino-americano, completa-se o quadro dos momentos dessa relação cíclica.

Em *Cem Anos de Solidão*, a constante repetição dos nomes das personagens, principalmente da família Buendía, simboliza também tal caráter circular, característico às populações subdesenvolvidas da América Latina. Forma-se, portanto, a súpula da estirpe dos habitantes da região, síntese dos seus antepassados e portadora de toda uma bagagem cultural que faz parte do continente, influenciada diretamente por mitos, exploração e subdesenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da evolução das sociedades, o indivíduo humano tem recebido diversas formas de denominação que enfatizam seus mecanismos identificatórios, dentre elas, animal político, animal racional, *homo sapiens*, *homo ludens*, *homo faber*. Tendo em vista que o homem é o único ser vivo que se desloca continuamente sobre a superfície da terra, e que este é capaz de se adaptar a quase todos os ambientes naturais, Briceño (2000) sugere ainda a utilização do termo *Homo migrans*.

Hall (2003) defende o uso do termo multicultural aplicado às sociedades formadas etnicamente ou culturalmente de maneira mista. Tendo em vista que a partir do século XV, quando se inicia um intenso fluxo de deslocamentos de grupos humanos, principalmente dos países europeus, é desencadeado uma série de eventos migratórios que aproximam diferentes culturas, proporcionando uma nova configuração da formatação de outras. Para o autor:

Movimento e migração são as condições de definição sócio-histórica da humanidade. As pessoas têm se mudado por várias razões-desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico (HALL, 2003, p. 53).

O olhar em retrospectiva para a existência da porção terrestre descoberta e posteriormente explorada - na maior amplitude possível do termo - pelos peninsulares ibéricos, permite a explicitação da ocorrência dentro de seus limites de todos os tipos de movimento e migração propostos por Hall (2003). Soma-se ainda o efeito causado pelo encontro das múltiplas culturas formadoras da heterogeneidade própria do território, característica que perpassa os variados momentos histórico-sociais da América Latina, que foram possibilitados principalmente por meio dessas formas de movimentação, remetentes ao constante entrecruzamento cultural no continente. Estabelece-se assim a tríade proposta por Rama (2001), definidora da relação transculturadora, a qual delinea o processo de assimilação de uma cultura em relação à outra. Considerando que essa ação implica um possível apagamento de uma cultura em detrimento de outra (aculturação), ou que ainda diferentes manifestações dessa ordem podem coexistir (neoculturação), cabe indagar quais são as formas de representação que desvelam essas ocorrências.

Seguindo o aporte de Palermo (2004), denota-se que a história do conhecimento é geo-histórica e politicamente situada, e que a literatura, como forma de captação da realidade, não se encontra deslocalizada de tal relação. Sendo assim, torna-se possível uma aproximação do percurso diacrônico das culturas formadoras das sociedades latino-americanas e da narrativa de García Márquez, principalmente por meio dos diferentes estágios configuratórios da cidade de *Macondo*, principal cenário da trama.

Esse espaço ficcional abrigou, desde sua fundação, grupos humanos em explícito processo de deslocamento, seja na busca por um lugar melhor para viver,

para praticar alguma atividade comercial, trabalhar nas plantações de banana sob precárias condições ou, no caso de uma reduzida parcela, explorar a força de produção dos menos afortunados. Com isso, mostra-se que essa relação diaspórica alcançou uma gama extensa de sujeitos, aproximando diferentes concepções étnicas, resultando em uma intrincada composição da língua, dos meios de entretenimento e valores culturais dos habitantes da região, influenciados pela convivência conflitante de influências nativas, europeias e estadunidenses.

Retomando o pensamento de Hall (2006), que aponta para a existência de um contínuo fluxo de mudanças em relação ao autorreconhecimento dos indivíduos nas sociedades modernas, no que tange suas concepções acerca da questão identitária, reconhece-se a presença desse mesmo processo na constituição da cidade fictícia criada pelo escritor colombiano. *Macondo*, forjada inicialmente pela busca de paz e igualdade por parte de seus fundadores, passa a ser caracterizada em momentos subsequentes, por um local intersticial, um ponto de intercessão de representações identitárias, ocasionando uma longa relação de (des)construção dessa esfera.

O deslocamento vivido pelos variados povos, fato que compõem a paisagem cultural heterogênea do continente que serve de objeto de nossa análise, é visto por Stuart Hall como uma “definição sócio-histórica da humanidade”, onde as nações não se formam de um, mas de vários povos. Para Hall, “estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é apenas uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p. 43). Em meio a esse constante processo de formações e deformações da cultura, a questão identitária surge como um problema.

A desestabilização vivida pela formação das identidades latino-americanas, que transitam na relação culto/aversão aos padrões estrangeiros, sendo essa uma relação apreendida por meio da ficção ou de outras formas de representação da realidade, implica, sobretudo, um processo de articulação da alteridade. Fica evidente em *Cem Anos de Solidão*, além da exposição de alguns dos variados acontecimentos que moldam a cultura da América Latina, a ação exploradora do imperialismo em suas diferentes modalidades, que ao exercer sua ação dominante tenta homogeneizar os povos do continente sob uma identidade de meros sustentadores dos países mais ricos. A fim de superar essa condição e buscar uma reconstrução das nações abrigadas no continente, após o dilúvio imperialista, que aos poucos vem destruindo essa comarca de mundo, deve-se, inicialmente, considerar aquilo que Hall (2003) denomina como o jogo da semelhança e da diferença, ou seja, abarcar as diferenças sem a limitação de um modelo fechado da

constituição do pertencimento cultural dos povos, alcançando, dessa maneira, um maior entendimento de suas trajetórias históricas.

Torna-se imperativo na busca pela compreensão da diversidade identitário-cultural latino-americana, a fim de romper com as amarras da influência de fora, encarar o atual momento de acordo com a visão de Rama (2008), defensora de que é chegado o fim da “sesta subtropical”. Nessa perspectiva, a América Latina deve assumir o papel de negação de seu estado semicolonial calcado na exploração estrangeira e na retórica vazia. Para isso, tendo em vista as transformações sociais, políticas ou econômicas que assediam o território são simultâneas as que correspondem à ordem cultural salienta-se que:

Reconhecemos no artista – o romancista, o poeta, o pintor - um dom sutil para registrar em seu trabalho concreto de criador a orientação mais profunda do fenômeno civilizador. Interrogar honestamente suas obras, observar os encadeamentos das diferentes contribuições nos lugares mais remotos desta terra americana única, permitirá – acreditamos – registrar esse desejo de transformação e saber qual é sua tônica e sentido. É uma tarefa complicada, que reclamará tempo e muito esforço, porém é a tarefa mais importante à qual devemos responder atualmente (RAMA, 2008, p. 97).

Em contrapartida, a respeito das produções literárias e suas condições materiais de existência, deve-se salientar a precariedade do sistema que envolve os sujeitos imbuídos na manutenção de sua difusão nos países de cultura pré-colombiana, provocado pelo analfabetismo, agravado nessas nações principalmente pela pluralidade linguística. Antonio Candido (2003) lembra que a América Latina é o único conjunto de países subdesenvolvidos falantes de idiomas europeus e que provêm culturalmente de metrópoles que ainda hoje possuem áreas subdesenvolvidas. Seguindo o pensamento do autor, nesses antigos centros coloniais, a leitura foi e continua sendo um bem de consumo restrito se comparado a países plenamente desenvolvidos. Nesse sentido, em relação à limitação dos mecanismos literários nas supostas “ex-colônias”, Candido aponta:

Ligam-se ao analfabetismo as manifestações de debilidade cultural: falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais); a inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, devido

ao pequeno número de leitores reais (muito menos do que o número já reduzido de alfabetizados) e falta de resistência ou discriminação em face de influências e pressões externas (CANDIDO, 2003, p. 143).

Na busca por uma configuração social mais igualitária, por meio de um reconhecimento de seu passado, no intuito de repensar o presente e, a partir de então, reprojeter o futuro, acrescenta-se ao segmento social considerado por Rama (2008) – os artistas – como detentores dos meios de emancipação pública, os sujeitos envolvidos nos processos educacionais nos seus diferentes níveis. Ao aliar a riqueza das produções artísticas latino-americanas, aqui consideradas no âmbito das produções literárias, com práticas educativas que privilegiam a diversidade cultural e identitária desses povos, se estará perseguindo o objetivo de elucidar os prejuízos ocasionados pelas formas de imperialismo cultural e seu caráter homogenizador, construindo práticas socioeducativas que visem a constituição de redes solidárias com as relações de identidade e aceitação do diferente.

Apresentando a solidão como antinomia da solidariedade, Navarro (1989) lê a narrativa de García Márquez aqui estudada, mais especificamente em se tratando da composição dos membros da família Buendía, como uma ilustração notável da falta desse sentimento de cooperação. A alienação desses personagens que “se sentem cada vez mais sós, ensimesmados e mais e mais contrários a compartilhar uma sociedade mais ampla” (NAVARRO, 1989, p. 56) reflete, entre outros modos representativos do romance, a conotação política do termo solidão. Essa mesma denotação é estendida ao presente estudo como um exemplo de ação contrária ao modelo a ser seguido como processo de reversão para a longínqua submissão política e cultural latino-americana, que obscurece a problematização a respeito de suas manifestações simbólicas em prol de interesses estrangeiros.

Para evitar a perpetuação das desiguais relações emergidas desde a formação das zonas de contato da época colonial, eventos que influenciam diretamente a vida econômica, sociológica, cultural e, conseqüentemente, a formulação de uma identidade latino-americana, deve-se lembrar as palavras de Galeano (1978), que preconizam o fato de que essa terra não nasceu amaldiçoada, mas sim foi convertida à maldição da exploração. Para isso, abordagens que aproximem diferentes meios de captação do real, como *Cem Anos de Solidão*, sob um enfrentamento crítico e com olhar que contrarie a lógica eurocêntrica e estadunidense, constituem formas de desvelamento daquilo que não contam os livros de história.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio Wolf (Org.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRICEÑO, José Miguel. La identidad europea em una visión latino-americana. In: BERND, Zilá. **Olhares cruzados**. Porto Alegre: Ed. Universidade/URGS, 2000.
- CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2003.
- CHASTEEN, Jean Charles. **América Latina: uma história de sangue e fogo**; tradução de Ivo Korytowsky. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum**. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura, uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ELÍADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**; tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- MANSILLA, Hector Cesar. La crisis de la identidad nacional em el tercer mundo. in: BERND, Zilá. **Olhares cruzados**. Porto Alegre: Ed. Universidade/URGS, 2000.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- NAVARRO, Márcia Hoppe. **Romance de um ditador: poder e história na América Latina**. São Paulo: Ícone, 1989.

PALERMO, Zulma. Geopolíticas literarias y América Latina: hacia una teorización contrahegemónica. In: BITENCOURT, Gilda Neves. **Geografias literarias e culturais: espaços, temporalidades**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

PRATT, Marry Louise. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante. In: SANTOS, Pedro Brum; VÉSCIO, Luiz. **Literatura e História – perspectivas e convergências**. São Paulo: EDUSC, 1999.

RAMA, Ángel. **Literatura e Cultura na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **Literatura, Cultura e Sociedade na América Latina**: Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

ROMERO, José Luiz. **América Latina: as cidades e as idéias**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008.

ROMERO, José Luis. **América Latina: as cidades e as idéias**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. da UFRJ, 2004.

SALDÍVAR. Dasso. **Viagem à semente: uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SALVATORE, Ricardo. Re-pensar el imperialismo en la era de la globalización. In: ORTIZ, Renato. **Culturas imperiales. Experiencia y representacion en America, Asia y Africa**. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença - a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.